

As voltas que o mundo dá

ROBERTO BRATILJENSE

José Sarney

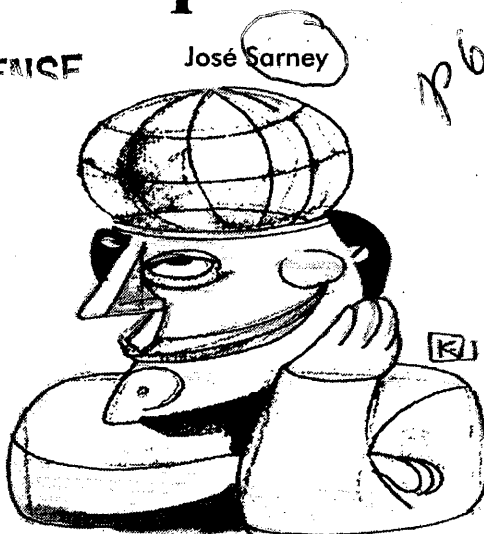
11 ABR 1996

Quando terminou a Segunda Guerra Mundial eu era um jovem de quinze anos, cheio de idealismo e sonhador, como convinha à minha geração, provinciana e romântica. Pensávamos todos que o mundo vencera sua batalha definitiva em busca de uma paz duradoura. O nazifascismo era o símbolo dos demônios que tinham sido mortos. O mundo iria entrar numa fase de cooperação internacional, a bondade iria reinar na face da Terra. Era uma nova era, um novo mundo que iríamos construir e nós, moços, estávamos destinados a ser participantes destes novos tempos. Lembro-me da emoção com que li a respeito do desfile das forças vitoriosas em Paris, sob o Arco do Triunfo, tendo à frente a figura legendária de De Gaulle.

Que primeira desilusão quando começaram os primeiros sinais da Guerra Fria, da separação entre os aliados, o início da confrontação ideológica. Em seguida, as notícias sobre as bombas atômicas, as bombas de hidrogênio, o inferno das armas de destruição massiva e o sentir morrer dentro de nós aquelas esperanças que surgiram com o fim da guerra. Veio, então, o medo do fim do mundo, a destruição da humanidade, os chamados "vapores atômicos". Vieram a Guerra da Coreia, a Guerra da Indochina.

Essa trágica visão entre uma paz armada e uma guerra anunciada e prometida tomou conta da nossa vida, da vida de todos os homens na face da Terra.

Nós, homens, inabaláveis idealistas, não adotamos o brocardo de "gato escaldado de água fria tem medo". Há sempre um sinal de esperança dentro de nós, que não morre e que agarramos, sem pensar nas frustrações passadas. Vem a Queda do Muro de Berlim. Eu de novo reacendo todas as minhas forças de fé e digo de mim para mim: agora chegamos realmente ao momento da virada da humanidade. Vamos ter a paz perpétua, definitiva. Findaram-se as ideologias,



findaram-se os conflitos. Vamos ver um mundo só, globalizado, num trabalho conjunto de cooperação e de superação de desigualdades. Acreditei mesmo naquilo que Fujyama chamou de "o fim da História", como a liquidação daquela separação entre "uns condenados à salvação e outros, a perdição". Escrevi sobre isto, minha crença no novo desenho do mapa mundial baseado num novo tempo, marcado por outros valores que não aqueles, vigoraram nas relações entre as nações. Aí surge o primeiro abalo em minhas crenças: a Guerra do Golfo. Aceitei-a, no mesmo sentido de justificar as nossas crenças, que era o fim de outro dragão, o Hassam do Iraque, coisa necessária, da qual participara um conjunto de países, sob o manto das Nações Unidas. Em seguida vem o conflito da Bósnia Herzegovina. Aí minhas crenças começaram a encontrar dúvidas e desconfiança. Arrastou-se a guerra, morreram centenas de milhares de pessoas e as motivações vinham desde as questões nacionalistas até os fundamentalismos.

Agora, vejo diariamente o que acontece no mundo. A China arma-se e vai se transformando em potência marítima, para assegurar sua presença na segurança da Ásia. A Coreia do Norte erica seus dentes e enfrenta a Coreia do Sul. A União Soviética se dissolve, mas a Rússia, hegemônica, enfrenta os problemas da Chechênia.

As Nações Unidas perdem o seu poder de mediar conflitos e debilitam-se nos seus objetivos, diante dos novos tempos.

E no mundo da ideologias, nós que as julgávamos superadas, vamos vendo o renascimento delas, embora vestidas de outras roupas e de outros jeitos. A Polônia foi o primeiro país dos satelitizados pela antiga URSS a romper com as amarras e um operário do estaleiro de Gdansk, Lech Valesa, derrota o comunismo e inaugura novos tempos. Agora, os comunistas por eles derrotados, voltam ao poder e ele volta ao seu torno mecânico.

Em todas as novas repúblicas daquela área existem candidatos ex-comunistas que acenam aos seus concidadãos que devem voltar aos velhos tempos que eram melhores que os novos. Na própria Rússia, Yeltsin está ameaçado por um candidato comunista, radical; desejo da ressurreição dos tempos passados, que lidera as pesquisas de opinião pública e ameaça com a ressurreição de tudo que havia desmoronado.

Lembro-me de uma carta do Marquês de Pombal ao Marquês de Melo e Póvoas, governador do Maranhão e Grão-Pará: "Não procure mudar as coisas de uma vez, porque elas voltam".

Hoje, talvez isso seja uma das coisas da velhice, e Jorge Amado me ensinou que "não vi, até hoje, uma vantagem na velhice", já fico de orelha em pé sobre este mundo que sonhamos, todos nós, de paz, de bondade, de união, sem maldade e sem discórdias. Muitas vezes falamos da volta que o mundo dá, como se fosse uma espera de que as coisas sempre têm tendência a voltar a acontecer. Nunca as transformações mundiais ocorrem com a morte de uma vez dos conflitos. Estes, a meu ver, não morrem jamais.

Hoje, eu já não falo com tanta convicção na morte das ideologias. Elas estão voltando, para infelicidade nossa, para manter contudo a sempiterna esperança de que um dia irão morrer. José Sarney é presidente do Senado